



Vem história! a contação de histórias como prática antirracista

João Vítor Barbosa Souza, Valéria Moreira Dias, Letícia Santos Azevedo, Gerson dos Santos Farias, Fabiana Correia Moura

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

joaovitorbarbosasouza8@gmail.com

TRABALHOS COMPLETOS – GT 01 - Etnicidade, Memória e Educação

RESUMO

O presente relato, discute a necessidade de adentrar as escolas com práticas de enfrentamento ao racismo presente no seu contexto. Para tanto, evidencia-se a importância do projeto Contando Africanidades, ação extensionista da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Itapetinga-BA, que tem por objetivo a valorização das matrizes culturais afro-indígenas brasileiras por meio da contação de histórias. Neste sentido, o texto ainda apresenta como a escola entendida como espaço de socialização e formação de identidades, ainda reproduz práticas e estruturas racistas, invisibilizando a população negra e indígena no currículo e no cotidiano escolar. Nesse cenário, o Contando Africanidades surge como um movimento de resistência e combate a essas estruturas.

Palavras-chave: Contando Africanidades. Educação Antirracista. Contação de histórias

Submetido em: 11/10/2025 | **Aceito em:** 18/10/2025

INTRODUÇÃO

A escola, é um espaço fundamental para que as crianças vivenciem o processo de socialização, descobertas e relação com o mundo. Por isso, deve se constituir como um lugar plural e que evidencie a diversidade que compõem o nosso contexto histórico e social.

Neste sentido, ao adentrarem na escola, as crianças estão indo em direção a um universo de significados essenciais para a construção da sua identidade e para o contato com as diferenças, em relação a isso, Santana et al., (2019, p.325) diz que “é no convívio social e escolar que as crianças pequenas constroem suas identidades e aprendem o significado de serem negras e brancas [...] dentre outros



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraís da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



marcadores sociais". Assim, a escola é para além de ambiente formativo, mas um terreno propício para a construção e reconhecimento de diferentes subjetividades.

Todavia, enquanto uma instituição socialmente referenciada a escola reflete no seu contexto as mazelas presentes na nossa sociedade, dentre elas, o racismo que cotidianamente atravessa as experiências de crianças, especialmente, as crianças negras dentro da sala de aula, interditando essas experiências com exclusão, dor e sofrimento.

Sendo o racismo uma das veias abertas do cenário educacional brasileiro, é indispensável que as escolas tornem-se ambientes comprometidos com práticas antirracistas, possibilitando ações de enfrentamento e combate ao racismo. É neste aspecto que ganha relevância o Projeto Contando Africanidades, ação extensionista da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, que tem por objetivo a valorização das matrizes culturais e étnicas brasileiras por meio da contação de histórias, com vistas a desconstrução de preconceitos, estereótipos e o tratamento das relações étnicas- raciais nos contextos escolares.

Portanto, este relato surge das experiências vivenciadas ao longo da nossa travessia no Contando Africanidades, entendendo este projeto como um movimento de resistência e combate ao racismo, pois via a contação de histórias afro-indígenas possibilita-se a valorização e o reconhecimento das nossas raízes ancestrais.

PROJETO CONTANDO AFRICANIDADES

Historicamente, a nação brasileira esteve imbuída por mais de 300 anos em um sistema escravocrata e colonial, que desumanizou, marginalizou e excluiu a população negra, jogando esses povos para as margens da sociedade. Ademais, a exclusão histórica da população negra no Brasil não se limita ao passado, pesquisas sociais e econômicas apontam que essa população segue sendo a mais vulnerável à pobreza, a violências, e as dificuldades no acesso à educação (IPEA,2019). Na escola, os vestígios desse período também se reverberam, por meio



das estruturas e práticas racistas que a permeiam cotidianamente, desde as mais sutis até as mais evidentes, nesta direção, Cruz (2022, p.22) aponta que:

[...] livros didáticos ainda repetem estereótipos, muitas escolas só fazem alguma ação em datas comemorativas, como o 13 de maio ou o 20 de novembro e não implementam no Projeto Político Pedagógico das escolas, metas nesse sentido, de transformar o currículo do eurocêntrico para o afroreferenciado; Há, ainda, ausência de uma política de formação continuada e direcionados e de acordo com as diretrizes curriculares (CRUZ 2022, p.22).

Desse modo, ao não referenciar a população negra e indígena em suas práticas pedagógicas, a escola contribui para que o racismo se fortaleça cada vez, embaraçando assim, o tratamento das relações étnicas, a valorização da diversidade, e o reconhecimento identitário.

À luz desse contexto, é imprescindível implementar, no ambiente escolar, ações concretas que promovam práticas pedagógicas capazes de desconstruir o racismo que historicamente impera nas suas bases. Assim sendo, o Projeto Contando Africanidades: valorizando as matrizes culturais e étnicas brasileiras por meio da contação de histórias, se caracteriza como um instrumento mobilizador de tais ações.

O projeto Contando Africanidades, surge no ano de 2022, como uma ação extensionista da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, campus de Itapetinga-BA, a motivação para a criação do projeto emerge das vivências de uma mulher negra, professora, campesina que ao se descobrir negra, enxerga nesse movimento, uma oportunidade de fomentar outros caminhos de reconhecimento identitário. A partir de sua trajetória pessoal, o projeto nasce como um espaço de diálogo, valorização das ancestralidades africanas e fortalecimento das identidades negras e indígenas no contexto escolar e comunitário.

Neste sentido, o Projeto atua nas instituições escolares do município de Itapetinga-BA e região, por meio de contação de histórias, organizadas em sessão e com seus respectivos objetivos.



Dentre os objetivos do Contando destacam-se: Estimular, por meio da contação de histórias e contos, a adoção de posturas antirracistas e o reconhecimento das matrizes culturais afro-indígenas brasileiras, promovendo a reflexão crítica sobre práticas pedagógicas excludentes que privilegiam a cultura eurocêntrica; Utilizar narrativas como ferramenta lúdica e interativa no ambiente escolar, favorecendo a criação de espaços educativos mais diversos, acolhedores e sensíveis à pluralidade cultural; Fomentar ambientes de diálogo, troca de saberes e ações colaborativas voltadas à educação das relações étnico-raciais e ao enfrentamento do racismo nas instituições de ensino; Consolidar, por meio de ações extensionistas, a integração entre Ensino, Pesquisa e Extensão, fortalecendo os vínculos entre universidade e sociedade e ampliando o impacto social das práticas educativas (Souza, Dias e Azevedo, 2024).

Com esses objetivos o Contando Africanidades, caminha para a direção de reconhecimento às identidades e às ancestralidades que compõem o universo escolar.

METODOLOGIA

Este trabalho constitui-se como um relato de experiência que, segundo Daltro e Farias (2019), representa uma forma de evidenciar o posicionamento do/a pesquisador/a em relação ao conhecimento no tempo em que vive, a partir de seu ponto de vista e da maneira como relata suas vivências.

Para tanto, adotamos aqui uma abordagem qualitativa, fundamentando-se inicialmente em pesquisa bibliográfica voltada à compreensão da importância do enfrentamento ao racismo no ambiente escolar. Para tal construção, recorreremos às reflexões de autores como Santana et al. (2019), Cruz (2022) e Souza, Dias e Azevedo (2024). Além disso, utilizamos as Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008 como amparo legal para fundamentar este trabalho.

Por fim, as reflexões desses autores/as foram articuladas às experiências vivenciadas no Projeto *Contando Africanidades*, que serviu de base para a



elaboração deste relato, conectando as discussões teóricas à importância de enfrentar o racismo na prática educativa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao longo das nossas travessias com o Projeto Contando Africanidades, resultados significativos têm se revelado, dentre esses, destacamos aqui a percepção que o nosso Projeto dialoga e com uma educação antirracista, que de acordo com Cruz (2022, p.22) é:

uma perspectiva para uma educação que contemple um currículo afroreferenciado na memória histórica das lutas da população negra e atitudes e posturas de combate ao preconceito, discriminação e práticas racistas./ CRUZ 2022, p.22)

Assim, o Contando Africanidades ao assumir o compromisso de valorizar as matrizes afro-indígenas brasileiras através da contação de histórias, se constitui como um aliado na construção de uma educação antirracista. Pois, as suas ações vão muito além do universo lúdico, presentes nas histórias contadas, mas, no pujante compromisso de desafiar estruturas e narrativas que fortalecem a discriminação racial. Tomamos como exemplo o currículo escolar, que frequentemente se apresenta como um disseminador da perspectiva eurocêntrica, colonizadora, supervalorizando modelos de conhecimento que ignoram ou marginalizam a diversidade que compõe as escolas brasileiras. Ao enfrentar esse currículo, o Contando Africanidades atua em conjunto com as instituições de ensino para desestabilizar essa lógica excludente e promover uma educação que reconheça, respeite e celebre as raízes culturais e ancestrais da população negra e indígena.

Com isso, o Contando ainda serve como um caminho para o fortalecimento das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 dispositivos legais que tratam da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena no sistema educacional brasileiro, reconhecendo as contribuições desses povos para a nossa formação enquanto sociedade.



Nesse processo, as sessões de contação de histórias realizadas pelo Contando Africanidades desempenham um papel transformador ao resgatar a beleza, a força e as potencialidades da população negra e indígena. Por meio de contos que evidenciam o protagonismo desses sujeitos, o Projeto contribui para a construção de uma autoimagem positiva e para o fortalecimento das raízes culturais e ancestrais, reafirmando identidades historicamente silenciadas. (Souza, Dias e Azevedo, 2024).

Como forma de mensurar esse movimento, destacamos aqui a sessão “Saber quem sou: meus traços identitários” que tem por foco, o tratamento da autoestima e o incentivo ao respeito, contribuindo assim, para o reconhecimento das diferenças, estimulando nas crianças a valorização identitária. A esse propósito, utilizamos nesta sessão o livro “O Black Power de Akin” da autora Kiusam de Oliveira, que narra a história de um menino negro, que após enfrentar o racismo no seu cotidiano escolar, redescobre o amor por si mesmo e o orgulho de seu cabelo black power e com a ajuda das memórias e ensinamentos de seu avô, ele mergulha nas raízes ancestrais que fortalecem sua identidade.

Temos também a sessão “Eu amo a minha cor” que busca possibilitar a autoaceitação e o convívio com a diversidade, além de promover um momento de reflexão sobre seu eu e o outro¹. Nesta sessão, contamos a história “A cor de Coraline” do autor Alexandre Rampazo, que aborda a diversidade étnica, por meio das conversas e brincadeiras dos personagens, despertando assim, reflexões sobre a cor da pele.

Figuras: 1 e 2 - Sessão saber quem sou: meus traços identitários

¹ Ademais, esta sessão atende um dos campos de experiências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017), sendo o campo: “EU, O OUTRO E O NÓS”, eixo que trata do desenvolvimento da identidade, do respeito à diversidade, da empatia, da convivência e da coletividade.



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

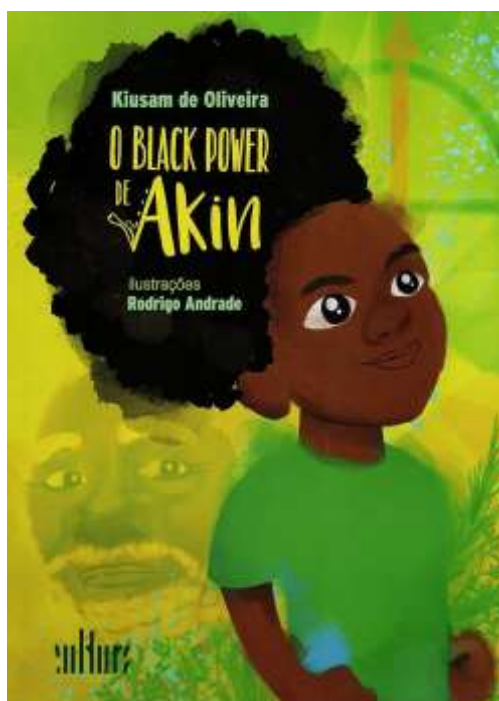
Espiral da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

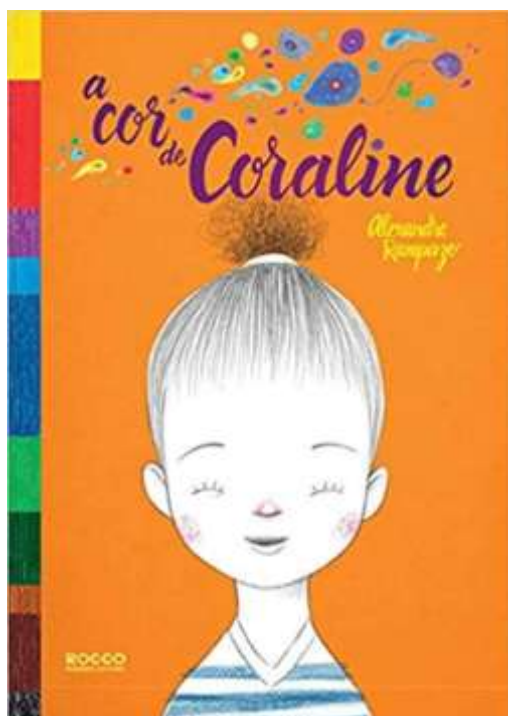
V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



Fonte: acervo do projeto.

Figuras: 3 e 4 -Sessão eu amo a minha cor





XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraís da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



Fonte: acervo do projeto.

Outro aspecto a ser destacado é o envolvimento das crianças, que, ao ouvirem nossas histórias, passam a se reconhecer nos personagens narrados, fortalecendo a construção de uma autoimagem positiva e colaborando diretamente para a sensação de pertencimento e para a valorização das raízes ancestrais no ambiente educacional.

Além disso, o Contando Africanidades também se dedica à construção de espaços de reflexão para as/os professoras/es das instituições que atua. Por meio de cirandas formativas, que tem por pretensão despertar a consciência das/os educadoras/es para a necessidade do tratamento das relações étnicas- raciais como um dos elementos centrais de suas ações. Assim as/os educadoras/es são convidadas/os a revisitar suas práticas pedagógicas, reconhecendo nelas oportunidades de transformação. Desse modo, o Contando as/os impulsiona a assumir o compromisso de enfrentar o racismo em suas atuações cotidianas em sala de aula, tornando a luta antirracista uma ação contínua e indispensável dentro do ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a discussão aqui tecida, é evidente que o Projeto Contado Africanidades, é uma ação que contribui de forma significativa para a construção de uma educação antirracista. Por meio das suas sessões o Contando fomenta a ruptura de estruturas racistas presentes na ambiência escolar, promovendo respeito e valorização das pluralidades e das nossas raízes ancestrais.

Nesta perspectiva, o Contando Africanidades mitiga e combate narrativas eurocêntricas que por anos, inviabilizaram a população negra nas instituições escolares via currículos interditados as diversidades, neste aspecto ao dismantelar essa lógica hegemônica, o Contando, faz da escola um lugar de resistência e comprometido com práticas que vislumbrem o tratamento sensível das diversidades, entendendo-as como elementos constitutivos das relações sociais. Por



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraais da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



fim, o Contando Africanidades é movimento potente, quem tem como missão a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e plural.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar.2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2017.

CRUZ, Hélio Santos. **Educação antirracista: currículo e práticas pedagógicas.** São Paulo: Cortez, 2022.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. **Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade.** Estud. pesquis. psicol., Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223- 237, jan. 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil.** Brasília: IPEA, 2019.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O Black Power de Akin.** São Paulo: Peirópolis, 2017.

RAMPAZO, Alexandre. **A cor de Coraline.** São Paulo: Panda Books, 2016.

SANTANA, J. V. J. ; OLIVEIRA DIAS, J.; SANTOS PEREIRA, R.; SOUZA CUNHA JÚNIOR, A. **“EU TENHO VERGONHA EM DIZER QUE SOU NEGRA, NINGUÉM GOSTA, NÉ”? As crianças e as relações étnico-raciais em Itapetinga-BA.** Revista Tempos e Espaços em Educação, campo, v. 12, n. 28, p. 323-346, 2019.

SOUZA, João Vítor Barbosa; DIAS, Valéria Moreira; AZEVEDO, Letícia Santos. **PROJETO CONTANDO AFRICANIDADES: os impactos de uma ação extensionista e descolonizadora na disseminação e afirmação da negritude. Vem história! Descolonizando infâncias com histórias afro-indígenas.** Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira, [S. l.], v. 2, p. 131–137, 2024.